

Elizabeth Adler

MISTÉRIO
NA CALIFÓRNIA

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

Prólogo

Era uma tarde de inverno e começava a desenharse um céu de tempestade. O homem esperava no *Range Rover* preto, estacionado na parte mais escura do parque de estacionamento do café, longe das luzes, quando sentiu outra vez a dor. Uma pressão no peito, uma sensação de oscilação na cabeça, porém apenas alguns segundos. Sentira-o pela primeira vez quando erguera uma mesa para a deslocar para uma posição mais elevada. Tolo; devia ter tido mais juízo. Com certeza distendera um músculo do ombro e agora doía-lhe, logo quando precisava de estar na sua melhor forma. O cérebro desanuviou-se, a dor desaparecera. Esqueceu-se dela e concentrou-se no trabalho que tinha entre mãos.

O parque de estacionamento estava quase vazio, apenas um par de viaturas que pertenciam, sabia, ao pessoal da cozinha. Os clientes estacionavam sempre na parte da frente. Era um café de uma cadeia muito conhecida na Califórnia, mesmo à saída da Highway 1, a sul de São Francisco. Sabia a que horas terminava o turno da rapariga, sabia como iria irromper pela porta dos funcionários, a borbulhar de riso e alívio por ir sair dali, às vezes com outros, mas, com mais frequência, sozinha. Sabia que o carro dela era o *Chevy Blazer* já com dez anos, que muitas vezes se avariava, do qual não tinha seguro

e que deixava sempre no mesmo local, nas traseiras do café, para que nenhum polícia intrometido, que entrasse para tomar uma chávena de café e comer panquecas com uma imitação barata de xarope de ácer, reparasse nele e pudesse fazer perguntas sobre uma viatura com um aspeto tão deteriorado como aquela.

O homem sabia onde ela morava. De facto, conhecia bem o pequeno apartamento. Já lá tinha estado, forçara com facilidade a fechadura simples quando ela se encontrava a trabalhar, dera uma olhadela, tocara nas coisas, inspecionara a minúscula casa de banho e o duche com a cortina de plástico, que devia ter-se colado ao corpo nu dela quando tomara banho. Passara a língua pela escova de dentes, cheirara as cuecas que ela deixara no chão, com o resto da roupa, no sítio exato onde as despira na noite anterior. Deitara-se na cama desfeita, descansara a cabeça na almofada, surpreendido por descobrir que os lençóis estavam limpos. Ela não era uma rapariga suja, apenas desleixada, desarrumada e descuidada.

Marcara-a como sua vítima quando entrara no café e ela o fitara nos olhos, pronta para namoriscar com um cliente, na esperança de uma boa gorjeta, embora quaisquer gorjetas que recebesse fossem com toda a probabilidade insignificantes. Gostara da sua pele fresca e limpa, do rosado das faces, afogueadas pela correria entre os clientes e a cozinha. Trabalhava bem, com entusiasmo. O crachá que trazia preso à camisa identificava-a como Elaine e era suficientemente bonita para se qualificar. Até conversara com ela e ficou a saber que abandonara o instituto de ensino superior público onde estudava, entre todas as coisas possíveis, biologia. Dissera com jovialidade que voltaria para lá logo que tivesse dinheiro para isso, mas tanto ele como ela sabiam que nunca o faria. Resumindo, gostara do corpo roliço dela, do cabelo comprido castanho, dos olhos também castanhos e faces rosadas e do seu comportamento jovial de menina. Gostava sempre mais das raparigas simpáticas.

E viu-a sair, apressada, pela porta dos funcionários. Sozinha. Vestia saia e um casaco preto demasiado fino. Ele calçou as luvas de látex maleáveis e finas, saiu rapidamente do carro e chamou-a.

– Elaine.

Ela virou-se, surpreendida. O homem sabia que ela não conseguiria perceber na sombra quem ele era.

– A minha porta parece ter emperrado, podes ajudar-me?
– pediu num tom suficientemente alto para que ela pensasse que devia conhecê-lo e se aproximasse.

Gostava da sua maneira apressada de andar, quase a correr.

Os cabelos castanhos compridos esvoaçaram-lhe para o rosto quando se aproximou. Num movimento ágil e fácil, ele prendeu-os no punho e bateu com força com um dos lados da mão na carótida da rapariga. Ela desfaleceu e ele empurrou-a para dentro do carro e atirou-lhe com a malinha para cima. Em poucos segundos saíra do parque de estacionamento e entrara na estrada nacional.

Fitou-a através do espelho, o rosto para baixo, em cima da coberta de plástico que dispusera com cuidado para que os estofos de pele não ficassem manchados. A rapariga não se mexia. No nó seguinte da estrada estacionou num sítio calmo, saiu do carro e examinou-a. Ainda respirava em sons intermitentes baixos e doridos. Batera-lhe com a força necessária. Sabia o que fazia. Pois já fizera tudo aquilo antes. A seguir, espetou-lhe uma agulha no braço, uma injeção rápida para garantir que ela não iria acordar de repente e surpreendê-lo. A respiração irregular dela acalmou.

Voltou a entrar no carro e continuou a guiar. Já tinha escolhido o sítio para onde a levaria, na orla de um bosque. Quando lá chegou, ficou sentado alguns instantes, a pensar com satisfação no que estava para vir. Ainda não chovia, apenas o som áspero do vento a soprar em rajadas nas árvores, pressagiando uma tempestade e fazendo cair uma torrente de folhas em cima do carro e em cima dele e da rapariga quando abriu a porta de trás. Ainda havia claridade cá fora, mas já estava escuro no bosque.

Tirou o grande saco preto leve que continha a pequena câmara de vídeo, o tripé e os binóculos de visão noturna, «o seu equipamento», como lhe chamava, e passou-o, cruzado, pelo pescoço. Puxou a rapariga para fora do carro e carregou-a para o bosque... não para demasiado longe, não havia necessidade... nunca ninguém aparecia ali. O seu coração trepidou outra vez um pouco: ela era mais pesada do que pensara.

Havia um método nestas coisas, um ritual que tinha de respeitar. Tudo devia obedecer à sua sequência própria. Pousou-a, de braços e pernas afastados, numa pilha de folhas em decomposição. Um sítio muito macio. Pensou que ela teria gostado. Depois tirou o tripé e a câmara de vídeo do saco e montou-os ao lado, certificando-se que a focavam bem. Pôs a máscara de esqui de lã preta, cobrindo o rosto. Agora estava pronto. Despi-la foi um ápice, puxando-lhe a saia e o casaco preto e a roupa interior. Ela não usava sutiã e os seios pequenos pareciam muito brancos na escuridão densa.

Extraíu a faca da bainha de couro, feita à mão no México, que usava presa à perna. Era uma faca fina de corte, com cerca de vinte centímetros de comprimento, do tipo usado por *chefs*. Aço puro, duro e cintilante. O poder nas mãos de um homem que sabia com exatidão como a usar.

Ajoelhou-se sobre ela e com precisão cirúrgica cortou-lhe ambos os pulsos e depois sentou-se a observar o sangue escorrer, a vida dela a começar a escoar-se com lentidão. Ela não abriu os olhos. O momento supremo estava quase a chegar. Só faltava mais um corte, suave como manteiga, na garganta. Ela estava desfalecida, não resistiu quando ele a violou, a faca na garganta, só a primeira incisão pequena... à espera... à espera... gemeu em triunfo, fazendo deslizar a faca pela garganta da rapariga e vendo o sangue derramar-se embora ela ainda não estivesse morta...

Recostou-se para trás, exausto. Não havia nada que iguallasse aquele momento, aquela sensação. O puro poder sexual daquilo. Havia uma última coisa, porém; outra coisa que se

sentia compelido a fazer. Tirou o bloco verde de *post-it* do bolso e, usando a mão esquerda, registou uma mensagem.

Examinou-a de novo. A boca dela pendia, aberta. Fechou-lhe a mandíbula com um estalido, colou o *post-it* verde sobre os lábios fechados e acrescentou uma tira de fita adesiva, só para ter a certeza que não caía. Tinha outra vez a faca no pescoço dela; sabia onde ficava a carótida.

Pensou ter ouvido alguma coisa e afastou-se para trás, sobressaltado. Ainda não terminara... um carro parou, depois começou de novo a trabalhar. Enervado, agarrou na câmara e no saco e agachou-se e pôs-se a mexer... A dor atravessou-lhe o peito e o coração retumbou tão alto que conseguiu ouvir um milhão de batimentos por minuto... estava a cair na escuridão com a dor... e o medo de ser apanhado... o medo venceu...

Concentrou toda a sua atenção na condução. Chovia agora... a dor surgiu de novo, desta vez menor, não propriamente no coração, mais no ombro... mesmo no sítio onde distendera no dia anterior o músculo a deslocar aquela mesa.

Deveria ir às urgências? Para quê? Sentia-se ótimo agora, a respirar, OK, o coração firme como uma rocha. Era um pequeno contratempo e um «evento» estragado. Verificou o saco no assento ao lado, apalpou a câmara. Estava ali. A faca também. Estava tudo bem, mas escapara por um triz. Seria mais cuidadoso, encontraria um lugar mais remoto da próxima vez.

Já escolhera a próxima rapariga. Dava-lhe confiança o facto de conhecer o futuro, os seus planos. Andava a observar a Dr.^a Vivian há semanas. Agora, porém, precisava de sair dali depressa, tomar uma bebida e comer qualquer coisa. Ficava sempre com fome depois das suas pequenas «experiências». Evitaria a autoestrada, seguiria pelas estradas secundárias. Porém, não tinha contado com a tempestade, com a má visibilidade, a súbita oleosidade no piso. E então bateu em qualquer coisa.

Big Sur, Califórnia

Começara como uma manhã vulgar para Fen Dexter. Levantara-se tarde, por volta das nove, algo assim. Foi *Hector* que a acordou, pousando a pata grande na cama, dando-lhe um pequeno empurrão e babando-se no seu braço. Os labradores babavam-se sempre e tinha-se de os deixar sair logo de manhãzinha, antes que rebentassem. Nove horas também já era tarde para *Hector*. Fen abriu-lhe a porta e depois, quando ele terminou, deixou-o outra vez entrar e voltou para a cama, a sentir-se preguiçosa, ali deitada a ouvir o estrondear das ondas a baterem nas rochas na base das falésias.

Cliff Cottage, a pequena casa de Fen na Califórnia, erguia-se no que Fen sempre denominara «sumptuosidade isolada», numa arriba entre Big Sur e a aldeia de Carmel. A «sumptuosidade isolada» pretendia ser uma piada já que a estrada ficava a uns meros cem metros de distância e a *cottage* estava longe de ser «sumptuosa». Nem sequer era «imponente» e estava pintada de um azul pálido.

Era a sua casa há doze anos, comprada por impulso depois de o marido ter morrido de repente e, para ela, de forma inexplicável, porque era um homem sempre tão em forma, sempre a fazer exercício, a correr, tinha até jogado uma partida de ténis de três horas no dia anterior. E então, depois de uma chávena

matinal de chá, fitara-a, surpreendido, pensara ela, e, muito simplesmente, amarfanhara-se no chão. E a vida como Fen a conhecia terminara.

Greg, o «rapaz cem por cento americano» como costumava chamar-lhe em tom provocador, era de facto o seu terceiro marido. O primeiro fora o francês, quando ela tinha vinte anos e levava uma vida algo precária em Paris como dançarina, no palco de saltos muito altos, uma quantidade mínima de lantejoulas e com a peruca curta de corte Sassoon que todas as raparigas usavam. Não era o que desejara depois de todos esses anos de balé e formação intensiva, mas nem toda a gente pode ser uma estrela, e conhecera tantas pessoas. Incluindo o marido a que agora já só se referia como «o francês», o homem atencioso, dos beijos ternos, que deixava mensagens românticas, oferecia ramos generosos de rosas brancas. Não era a sua flor favorita, mas logo se tornou. Ele era mais velho, trinta e cinco anos para os vinte dela, divorciado e com bagagem, mas queria casar e quem era ela para dizer que não a uma vida de romantismo e beijos. Durou um ano. E depois ele descobriu outra pessoa. Era a sua maneira de ser.

O segundo marido era judeu-italiano. Quem diria que existia tal combinação? Fen não, com certeza, mas, sem qualquer família própria, tomara-se de amores pela grande família gregária e muito direta *dele* que assumiu o domínio das suas vidas e logo, logo, estava a tentar decidir-se entre uma cerimónia católica italiana ou um casamento judaico com toda a parafernália tradicional. Tinham acabado por se escapar sorrateiramente e casado numa cerimónia civil e mais nada. E, por fim, quando, para grande decepção dos dois, os filhos esperados não tinham aparecido, a família decidira que era tudo culpa dela. Fen percebia pelos olhares silenciosos por cima da mesa a diminuição brusca das alegres refeições familiares, que era o que eles pensavam e, quando acabara por ficar suficientemente preocupada para fazer um exame, descobrira, para seu horror, que eles tinham razão.

Visto que era um casamento civil, o divórcio foi fácil, mas deixou Fen com o coração partido e muito só. Estava sozinha no mundo. Outra vez.

Num impulso, apanhou o avião para a Califórnia, foi morar com uma velha amiga na sua pequena vinha no condado de Sonoma. A amiga chamava-se Millie e produzia um *chardonnay* que estava a ficar na moda como acontece com certos vinhos. Fen investiu as suas pequenas economias mais o dinheiro que lhe tinha sido atribuído nos seus dois divórcios (em ambos era parte inocente) e, em última análise, em termos financeiros foi a sua salvação. Foi aí também que, mais tarde, conheceu o terceiro marido. O americano.

Greg tinha trinta e oito anos, Fen vinte e sete. Vivia em São Francisco, numa pequena casa vitoriana de cor pastel no bairro Mission que estava a começar a tornar-se respeitável, mas que ainda tinha algumas arestas imperfeitas. Muito imperfeitas, preocupava-se Fen às vezes, para uma mulher que vivia sozinha. Mas também não viveu sozinha durante muito tempo. Tinha um emprego em *part-time* na universidade ensinando a sua especialidade, a evolução da dança até à sua forma moderna e, ao mesmo tempo, oferecia os seus serviços gratuitos a uma instituição de caridade de auxílio a animais, quando recebeu o telefonema de um Herman Wright, advogado, a pedir-lhe para, por favor, se encontrar com ele. Era muito importante, disse-lhe e não, não podia discutir o assunto pelo telefone.

Oh, merda, recordava-se de pensar quando vestia a sua roupa mais respeitável, calças justas pretas (tinha boas pernas compridas), uma camisa macia de linho branco e uma camisola de caxemira *Hermès*, cor de laranja, um presente caro e muito antigo do marido número um quando ainda a cortejava. Empoou o nariz, passou um toque ousado de vermelho de carro de bombeiros sobre os lábios carnudos, um movimento rápido da escova no cabelo de um loiro-dourado. Lançou um último olhar ao espelho, a perguntar a si própria se estaria bastante

respeitável para Herman Wright, advogado, e a sua mensagem secreta. Sorriu quando acenou um adeus ao espelho. Que se lixasse o advogado. Ninguém estava a processá-la. Talvez tivesse recebido alguma herança fabulosa de algum parente há muito perdido. Pois. Claro. Um beijo para o gato cor de gengibre chamado *Maurice* que odiava ser abandonado e pôs-se a caminho.

Não querendo ficar toda amachucada nos transportes públicos, embora, de facto, não se pudesse dar a esses luxos, apanhou um táxi. O escritório de Mr. Wright era imponente, três andares num bom edifício da baixa. Mr. Wright propriamente dito não era tão imponente, era baixo, quadrado e cor de gengibre como o gato. Mas o que lhe tinha a dizer era. Foi um choque completo, abalou-a até ao âmago, mais do que qualquer outra coisa na sua vida inteira.

Foi o que lhe disse na altura.

– Mas eu sou demasiado nova!

Mr. Wright encolheu os ombros, alisou a gravata de seda floral, fitou-a com simpatia por cima da largura imensa da sua mesa de carvalho.

– Muitas mulheres já têm vários filhos com a sua idade, Mistress Dexter. – Fen tinha regressado ao seu próprio nome após o último divórcio. – Com certeza que não será muito difícil para uma mulher jovem e saudável como a senhora criar duas meninas.

– Mas não são as *minhas* meninas – exclamou, chocada. – Eu não tenho marido! Como puderam fazer-me isto!

O «isto» a que se referia e que lhe chegara como um raio caído do nada, não apenas um raio qualquer, mas tipo um *meteorito*, era que uma prima afastada de que Fen a princípio não se recordava, apesar de se terem encontrado uma vez, quando dançava em Paris (a prima e o marido tinham vindo aos bastidores, haviam-se apresentado, bebido uma taça de champanhe e depois sorrido ao despedirem-se...), tinha morrido num acidente de avião; sobrevoavam, num pequeno *Cessna*,

uma área montanhosa e tinham sido apanhados numa corrente descendente letal. As duas filhas ainda se encontravam na sua casa em Manhattan.

– Claro que com as crianças virão os meios para as sustentar, haverá sem dúvida o suficiente para cuidar delas ao longo da infância e da faculdade.

– *Faculdade?* – De que estava ele a falar? *Ela* não andara na faculdade!

O advogado continuara:

– As duas meninas têm seis e quatro anos. Chamam-se Vivian e Jane Cecília. Mistress Dexter, não é de mais salientar que elas não têm mais ninguém a quem recorrer. Sem a senhora, irão parar a famílias de acolhimento. Receio que sejam demasiado velhas para serem boas candidatas para adoção.

Recostou-se para trás a olhar para o seu rosto atordoado.

– Eu sei, eu sei – disse com suavidade. – É um grande choque e uma terrível responsabilidade, mas a sua prima mencionou-a especificamente no testamento, disse que era a sua única parente e, portanto, deixar-lhe-ia os seus bens mais preciosos, na esperança de que, caso fosse necessário, a senhora saberia o que fazer.

Fen não disse nada.

– Aqui estão as fotos. – Fez deslizar algumas fotos pela secretária.

Fen não pegou nelas. Fitou-as apenas, contemplou os dois jovens rostos das suas parentes distantes, uma de cabelo escuro, olhos glaciais, a pontapear a erva com um dedo do pé enfiado na sandália, sem vontade de sorrir para a câmara; a outra, um anjo loiro de olhos azuis a sorrir com todo o entusiasmo.

– Essa miúda nasceu para isto – percebeu que dizia.

E depois, de repente, começou a chorar, sentada ali no escritório elegante do advogado a olhar para as fotografias de duas crianças pequenas que não tinham ninguém. Eram tão inocentes. Ela também ficara sozinha a partir dos dezoito anos.

Pensou que o que lhe estavam a pedir para fazer não era muito diferente do trabalho que desenvolvia com animais abandonados e maltratados, vinha tudo da mesma fonte de amor.

– Eu podia amar estas meninas – disse por fim, pegando nas fotografias e colocando-as na mala. – Quando posso ficar com elas?

E foi assim que ela, Fen, abreviatura de Fenalla, um nome que sempre detestara, porque achava que parecia nome de *stripper*, se tornou «tia», nunca «mãe» das suas meninas. Que agora, depois de todo o processo de crescimento, delas e de Fen também, de todas as escolas e aulas de balé, doenças de infância, a terrível adolescência, secundário, faculdade, namorados, amantes, se tinham transformado numa família.

Vivi, a mais velha, tinha trinta anos, era médica nas urgências, em São Francisco. JC, vinte e oito anos, andava por aí em algum lugar, ainda a tentar tornar-se uma «estrela», a cantar em pequenos clubes e, na opinião de Fen, não chegando a lugar nenhum. Ambas as raparigas tinham as suas próprias vidas e Fen decidira deixá-las em paz. Possivelmente já interferira bastante ao longo dos anos.

Outra hora se passou antes de Fen sair por fim da cama e descer as escadas. O soalho de tábuas escuras da cozinha estava frio sob os seus pés descalços. Ia ser um dia fresco naquele dia. Pôs o café a fazer, como adorava aquele cheiro matinal a café, depois tomou um duche e arranjou-se com calças de ganga e uma camisola cinzenta de decote em V, sacudindo primeiro os pelos do cão. Voltou a verificar o tempo, também cinzento e com um vento frio fustigante de que não gostava. Nem o cão. Fen pensara em chamar-lhe *Hércules* porque ele era forte, um sobrevivente, mas *Hector* parecera adaptar-se-lhe melhor. E agora ali estavam eles, passados doze anos. Sozinhos, juntos.

Então o telefone tocou.

– Fen – ouviu Vivi dizer com premência –, preciso de falar contigo. Esta noite. Tenho uma coisa para te contar.

Fen reconheceu o tom de problemas, mas absteve-se de indagar, ao telefone, o que se estava a passar; guardaria as perguntas para mais tarde. Vivi era interna do terceiro ano no serviço de urgência de um hospital de São Francisco. Trabalhava longas horas seguidas e ela e Fen já não conseguiam estar muito uma com a outra. Agora, porém, Vivi disse que viria passar a noite. O que significava que era melhor Fen ir a Carmel comprar algumas provisões.

Vestiu o velho jaquetão de lã azul-escuro, impeliu *Hector* para a parte de trás do *Mini Cooper*, um feito extraordinário visto o cão pesar uns quarenta e cinco quilos. O cão em geral preferia espetar a cabeça para fora da janela e farejar a paisagem que passava, mas estava demasiado frio.

Há doze anos, Fen encontrara *Hector* abandonado no caminho para a casa. Quando vira o saco de papel castanho pensara, irritada, que alguém tinha sujado a sua propriedade. Saiu do carro com a intenção de pegar no saco de papel e desfazer-se dele como deve ser. Mas lá estava o minúsculo *Hector*, a fitá-la melancólico com os seus grandes olhos castanhos. Quer dizer, o que podia fazer?

Em Carmel teve sorte, um *Range Rover* saiu de uma vaga de estacionamento mesmo quando ela chegou, dando-lhe espaço de sobra. Chuviscava e Fen desejou não estar a usar as botas de camurça novas. Camurça e chuva não combinavam. Tinha-as calçado porque eram rasas e nunca conseguia andar nas ruas empedradas de Carmel de saltos. De facto, já houvera uma determinação legal em Carmel que decretava que só se poderiam usar sapatos rasos na aldeia, uma vez que havia tantos acidentes.

Ajudou *Hector* a sair do carro, correu a comprar um jornal e, depois, a pensar no jantar de Vivi, escolheu um pão estaladiço, um bom *Manchego* curado e um queijo de cabra mole, bem como um pedaço de queijo parmesão para ralar por cima da salada. Duas

garrafas do *pinot noir* de Napa de que gostava, sem contar, claro, com o par de caixas do *chardonnay* de Sonoma da amiga Millie. Ficou satisfeita quando conseguiu encontrar também os agradáveis biscoitos de passas e alecrim, que ligavam tão bem com o queijo.

Já fizera um *daube*, o seu estufado de carne de estilo francês (usava bife e bastante vinho tinto de boa qualidade e deixava-o estufar em lume brando durante várias horas, acrescentando cebolinhas pequenas e cenouras frescas quando as originais se tinham transformado em papa), há algumas semanas com a *Quinta* de Beethoven a estrondear na aparelhagem de som, abafando por completo o estampido das ondas nas rochas em baixo. Fizera tanta quantidade que tivera de o congelar em lotes separados, o que significava agora que, à noite, poderia descongelar uma parte e servir uma refeição espontânea, sem qualquer esforço.

No momento em que terminou as compras, a chuva caía forte. O vento sibilava nas suas costas quando empurrou *Hector* para dentro do carro, junto com as provisões e, quando saiu da estrada para o caminho de gravilha que conduzia à *cottage*, já vergava os pinheiros de Monterey. Por baixo da casa, o Pacífico cinzento rugia sobre as rochas ainda mais alto do que o vento. Bem, mas agora estava em casa. Sã e salva.

Por volta das sete, a lareira estava acesa, o *daube* de vaca fervia em lume brando, a mesa da cozinha estava posta com as facas e garfos de cabos de plástico verde-azulados que Fen comprara no Leclerc, um hipermercado francês barato, e que ainda eram os seus preferidos. Escolhera os pratos com as gravuras de papagaios e os copos de vinho decentes. O pão estaladiço repousava numa tábua de madeira, os queijos a aquecerem à temperatura ambiente ao lado, enquanto a chuva se arremessava com violência e ferocidade contra as suas grandes janelas, que davam para o pequeno terraço com vista para o mar.

Na realidade, o tempo estava agora tão mau que Fen começou a ficar preocupada. Tentou telefonar a Vivi para o telemóvel para a aconselhar a voltar para trás, mas não conseguiu ligação. Foi espreitar pela janela; só conseguiu ver o seu próprio reflexo no negrume da noite. Colocou mais lenha na lareira, deslocando *Hector* com o dedo do pé e fazendo-o resmungar. *Hector* gostava do seu poiso quente. Na verdade, ela também; sentia-se satisfeita por não estar lá fora numa noite como aquela.

Inquieta, voltou ao quarto e inspecionou o seu aspeto no espelho comprido na porta do roupeiro: calças de ganga; as novas botas de camurça que lhe apertavam os dedos dos pés; a camisola cinzenta de decote em V que quase combinava com o seu cabelo prateado, cortado curto pelo queixo.

Para cinquenta e oito anos, não estava assim tão mal, embora não tão bem como teria gostado. Seriam rugas novas, ali, por cima do nariz? Não era para isso que servia o *Botox*? Tinha de perguntar à Dr.^a Vivi quando ela chegasse. Quer dizer, se Vivi alguma vez chegasse, o que Fen duvidava pela forma como o vento uivava agora. O vendaval tinha aumentado para furacão, ali no seu pequeno pedacinho de escarpa, com as ondas em ebulição nas rochas em baixo e chuva que se transformara num dilúvio.

Foi até à despensa procurar o candeeiro de petróleo, só para o caso de ser necessário, aparou o pavio, verificou o petróleo, levou-o para a sala de estar e pousou-o na mesinha de centro de vidro. Aumentou o volume do som para combater o rugido do vento e ficou ali sentada, a bebericar o vinho e a escutar Beethoven muito alto, a cantar a plenos pulmões para abafar o matraquear da chuva nas janelas. Nunca fechava as cortinas, pois a vista do Pacífico, em toda a sua variação, com baleias cinzentas de passagem e golfinhos brincalhões, fora o que a trouxera para aquele lugar. Em busca de isolamento, tinha-o encontrado. E depois encontrara *Hector*. E, juntos, tinham encontrado «unicidade na solidão».

Naquela noite, porém, havia qualquer coisa enervante no poder da tempestade. A sua pura ferocidade abanava a pequena casa. As janelas vibravam, as vigas rangiam, as portas estremeciam nos gonzos. Até *Hector* parecia preocupado, a erguer a cabeça e a fitá-la, interrogativo, como se ela devesse parar aquilo ou algo do género.

– Gostaria de poder, *Hector* – disse, interpretando o olhar dele. Ela e *Hector* sabiam sempre o que o outro estava a pensar.

Pegou no telefone para ligar a Vivi, mas a linha estava muda. Claro; o telefone era sempre a primeira coisa a deixar de funcionar com o mau tempo. Tentou o telemóvel, mas não havia sinal. Agora não tinha forma de entrar em contacto com ninguém.

Franzindo a testa, recostou-se nas almofadas do sofá, na esperança de que Vivi tivesse tido o bom senso de voltar para trás. Com certeza, fosse o que fosse que precisasse com tanta urgência de falar com ela podia esperar até ao dia seguinte.

Terminou o vinho e acabara de se levantar para se servir de mais um pouco quando as luzes se apagaram. Tudo se desligou: a aparelhagem, o frigorífico, a televisão.

Fen estacou, com o copo ainda na mão. Havia uma espessura na escuridão, uma *textura* no silêncio repentino. Até o habitual zumbido quase impercetível dos eletrodomésticos desaparecera.

Sentiu *Hector*, levantado, a seu lado. Disse muito depressa, tranquilizando-se, bem como ao cão:

– Está tudo bem, *Hector*.

Recompôs-se, ligou o isqueiro e acendeu o candeeiro de petróleo, aliviada por ter pensado naquilo antes, porque agora com certeza que não seria capaz de o encontrar na despensa, no escuro. Acendeu as pequenas velas verdes na mesa da cozinha onde o jantar estava posto e depois deu a volta acendendo as velas votivas que tinha em casa, sobretudo como decoração, mas agora contente por poder contar também com a sua pequena luz.

Não podia fazer mais nada. Foi sentar-se com o cão em frente da lareira, reconhecida pelo seu brilho bruxuleante e agradecendo aos céus por não ser elétrica. O vento parecia ainda mais alto. Ou seria porque estava tão consciente do silêncio esmagador da casa? Aproximou-se outra vez da janela. A chuva escorria pelo vidro em torrentes.

Voltou a sentar-se perto da lareira. O cão pousou a cabeça no seu joelho, babou-se nas calças de ganga. Um toro de lenha escorregou na grelha. Fen até conseguia ouvir-se a beber o vinho do copo.

A batida repentina na porta fê-la saltar, com o coração a latejar-lhe na garganta. O vinho derramou-se sobre *Hector*. Com o pelo do pescoço eriçado, orelhas espetadas, o cão olhou na direção da porta da cozinha. Lá estava outra vez. Alguém a bater. *Claro que devia ser Vivi. Afinal tinha conseguido chegar.*

– Já vou – gritou Fen, afastando *Hector* do caminho, lutando contra o vento para conseguir abrir a porta.

Uma rajada arrancou-a da sua mão, fê-la bater contra a parede. A seu lado, o focinho de *Hector* arrepanhou-se numa rosnadela.

Estava um homem no seu alpendre. Tinha o cabelo escuro molhado colado ao crânio. Escorria-lhe sangue da testa. E, na mão, segurava uma faca.

*F*en imobilizou-se... um vazio na cabeça... nada de fluxos de adrenalina lutar-ou-fugir que a levassem a correr do perigo; ficou ali parada, com um grito entalado na garganta, depois a sua mente assumiu o controlo, dizendo-lhe que não havia vizinhos que a ouvissem mesmo que gritasse, que Hector não poderia protegê-la, tinha doze anos de idade e excesso de peso e, apesar de rosnar, o rabo abanava também como se, tal como ela, não soubesse bem o que se esperava dele. O que deveria fazer? Quando um homem a sangrar se encostava à sua porta na «noite escura e tempestuosa» dos contos tradicionais, a agarrar numa faca e a fitá-la profundamente nos olhos...

O sangue fluiu de novo nas veias de Fen. Pegou na maçaneta da porta e, lutando contra o vento, bateu-a no rosto dele. A tremer, virou-se e encostou-se contra a porta. Tinha de a trancar. As mãos tremiam-lhe. A chave não virava. Deu-lhe uma pancada com a palma da mão. Ofegou. Aquilo doía como tudo. Mas o homem ainda se encontrava do lado de fora da porta. E, oh, meu Deus. *Hector* também!

Hector estava em perigo... morreria se alguma coisa lhe acontecesse... se Hector atacasse, o homem esfaqueava-o... oh, Hector... Hector... tinha de chamar a polícia... mas como, não havia nenhuma ligação telefónica...

Abriu a porta. O homem ainda lá estava, encostado à parede, a mão na cabeça que sangrava.

– *Desapareça!* – gritou-lhe Fen. – *Saia daqui, a polícia vem a caminho...* Hector – chamou o cão. – *Hector...*

– *Ajude-me* – disse o homem. – *Por favor.* – Passou por ela com rudeza e entrou na cozinha.

Fen comprimiu as costas contra a porta ainda aberta, vendo-o sentar-se na cadeira destinada a Vivi, à mesa bonita que pusera com os pratos do papagaio, os copos de vinho decentes e as facas e garfos com os cabos verde-azulados.

Correu para a mesa, pegou numa faca... se ele intentasse algum movimento esfaqueá-lo-ia. Seria possível apunhalar alguém com uma faca de mesa serrilhada? Não diziam que se devia atingir primeiro os olhos? Mas ele não estava a fazer nenhum movimento, estava ali sentado apenas, de cabeça baixa. Parecia estar a tentar recompor-se...

Oh, Deus, ela estava sozinha ali, à exceção de Hector... afinal onde estava Hector, devia estar ali, a protegê-la...

A porta ainda estava aberta e uma rajada repentina varreu a cozinha. As velas apagaram-se. O candeeiro de petróleo tremulou e os toros de lenha cintilaram mais vermelhos na lareira.

Devia fugir... mas para onde iria? Não havia vizinhos... Oh, meu Deus... estava ali com um homem a sangrar, e com uma faca na mão, sentado à mesa da cozinha, a tempestade estava a dar cabo da sua casa, Hector tinha desaparecido e ela não sabia o que fazer...

O homem continuava sentado muito quieto, à mesa da cozinha, a cabeça ainda baixa, a faca ainda agarrada na mão esquerda. O sangue escorria de um corte na testa.

Esse corte seria o suficiente para o incapacitar? Afinal, ela poderia simplesmente fugir... esconder-se lá fora nas árvores? Esconder-se até quando? Quem viria procurá-la...?

Com a faca espetada diante de si como uma arma, Fen deu um passo nervoso em direção ao homem. Olhou-o fixamente;

precisaria de uma descrição para a polícia mais tarde, quer dizer se sobrevivesse. Percebeu que tremia.

De repente, *Hector* correu outra vez para dentro de casa, trazendo consigo o cheiro do mar, da chuva e de cão molhado, para se misturar com o aroma ainda latente do *daube* de vaca esquecido.

Outra rajada fez cair e estilhaçar-se os copos de vinho. O tapete de um prateado pálido ergueu-se nos cantos e o lume saltou mais alto, fazendo Fen voltar a si. *A sua casa estava a ser destruída*. Correu para a porta e, empregando toda a sua força, fechou-a com um golpe. Deu meia volta. *Idiota! Eliminara a sua via de fuga, estava sozinha com o assassino da faca*.

Ele inclinou-se para a frente, colocou a cabeça entre as mãos. O sangue escorreu-lhe por entre os dedos.

– Tive de cortar o cinto de segurança para conseguir sair.
– De súbito, o homem falou.

Fen olhou para ele, incrédula.

– Uma rajada de vento atirou com o meu carro para fora da estrada, eu não conseguia ver por causa da chuva, creio que devo ter batido numa árvore...

Ele estava a mentir...

– Que árvore? Que carro? Onde está?

– Uma árvore qualquer que está perto do seu caminho de gravilha.

– *De que marca é o seu carro?* – Estava a obter toda a informação para a polícia quando conseguisse contar a sua história...

– Um *Range Rover*. Preto.

Claro: os homens guiavam sempre carros pretos.

– Preciso de vê-lo.

Ele encolheu os ombros. O sangue gotejava-lhe pelo rosto.

– Se vai lá fora com este tempo é mais corajosa do que eu.

– Poderá ser preciso coragem só para ficar aqui.

– Lamento muito. – O homem fitou-a diretamente nos olhos. – Não me tinha apercebido do aspeto disto. Assustei-a.

Ela estava a andar devagar para trás para a porta, de olho nele... ele ainda poderia ser capaz de fazer algum movimento inesperado e rápido... ainda poderia matá-la...

– Vou verificar o seu carro – avisou, abrindo a porta e tropeçando no limiar quando *Hector* passou por ela como uma seta direito à noite mais escura que já vira.

Fen fitou aterrorizada toda aquela escuridão... nem uma luz, nem sequer uma estrela, e a chuva a cair, a *desabar* seria mais o termo. Já estava encharcada... Precisava de uma lanterna. Porque não pensara nisso antes? Lembrou-se que havia uma no seu carro que estava na garagem... tinha deixado a porta da garagem aberta. Correu para o *Mini*, tateou a lanterna no suporte do centro, onde guardava sempre as suas coisas... *lá estava ela... oh, meu Deus, oh, meu Deus, que barulho era aquele? Ele vinha atrás dela?* Não, era só o vento...

Como poderia sequer voltar para casa? Mas para onde *poderia* ir? Conseguiria sequer guiar naquela tempestade? Mas que parva que era, recordou-se que as chaves do carro se encontravam na pequena bandeja cisne de prata no aparador da cozinha. *Parva*, disse consigo própria, *sua porra de parva estúpida e idiota...*

O feixe fino de luz da lanterna iluminava apenas um metro à sua frente e percorreu com dificuldade o caminho até à estrada, lutando contra o vento, escorregando e deslizando através de poças e gravilha.

Lá estava. O *Range Rover* preto. Com a parte dianteira ligada ao cipreste que plantara quando se mudara. «Para dar sorte», dissera, ou era o que os agricultores em França, onde vivera durante alguns anos, acreditavam. Estava-se mesmo a ver!

Lembrou-se que os condutores guardavam sempre o registo do carro no porta-luvas. Agora podia descobrir quem ele era. Não conseguiu abrir a porta do lado do condutor. Derrapando na lama, agarrada ao carro, deslizou até ao outro lado. A porta do lado do passageiro abriu com facilidade, espremeu-se lá para dentro, a pingar água, a arrastar lama e gravilha, baixou-se no

assento do passageiro, abriu o porta-luvas. Vazio! Como poderia ser? Toda a gente devia ter o registo automóvel à mão para o caso de serem mandados parar por um polícia ou terem um acidente. Como este.

Um *Hector* molhado enfiou o focinho pela porta aberta. Lançou-lhe o seu melhor olhar melancólico de que-estamos-aqui-fora-a-fazer-quando-podíamos-estar-junto-à-lareira. *Hector* tinha razão, mas como poderia voltar? Lembrou-se que o homem dissera que tivera de cortar o cinto de segurança para conseguir sair. E lá estava ele, o cinto cortado, apanhado no feixe de luz da lanterna.

Ficou sentada durante um minuto, a pensar. Poderia confiar naquele desconhecido? Até agora, tudo o que ele lhe dissera correspondia à verdade. Era óbvio que o homem tivera um acidente e agora o sacana estava a sangrar em cima da sua cadeira boa. Estava ferido e, com toda a probabilidade, com dores.

Saiu do *Range Rover*, baixou a cabeça e arrastou-se de volta a casa através do dilúvio, o vento a empurrá-la para trás.

O homem estava sentado exatamente onde ela o deixara. Fechou a porta da cozinha e ficou ali, a pingar água, tal e qual como acontecera com ele.

Tinha razão, o sacana estava a sangrar em cima da sua cadeira! Foi buscar um pano da cozinha à gaveta, passou-o por baixo da torneira de água fria, espremeu-o, aproximou-se dele e comprimiu-o contra a sua testa. O homem gemeu, levantando os olhos para ela.

– Não se preocupe – disse. – Não sou um assassino do machado.

Lera-lhe os pensamentos. Fen respondeu:

– Então é melhor dar-me essa faca.

Ele baixou a cabeça, surpreendido por ver que ainda a apertava na mão, e depois virou-a para Fen poder pegar nela pelo cabo. Disse:

– Desculpe se a assustei.

– Não estou assustada – retorquiu Fen. – Bem, talvez esteja – acrescentou.

– Pois.

Limpou o sangue da cabeça com os dedos. Ela viu que ele precisava mesmo de ajuda.

– Brande – sugeriu Fen. – Talvez brande não seja bom quando se está em estado de choque – continuou a seguir, duvidosa.

– É o clássico.

Ergueu a cabeça para olhar para ela e Fen viu-o como deve ser pela primeira vez.

Era difícil adivinhar-lhe a idade com o sangue a formar crostas na testa e o cabelo tão molhado que poderia ser de qualquer cor. Era alto, mais de um metro e oitenta, estreito, vestia um blusão de motociclista de pele preta e calças de ganga. Tinha um aspeto... bem... bom. Os assassinos não deviam parecer uns monstros?

Fen serviu o brande, decidindo que era melhor beber também um. Ele não era a única pessoa em estado de choque; ela pensara que o seu fim chegara.

O homem engoliu o brande num longo gole, o que Fen achou uma pena, visto que era bom. Uma das meninas tinha-lho oferecido há uns dois natais. Pelo menos agora tinha vindo a calhar.

Sentia-se ensopada e a tremer de frio.

– Espere – disse-lhe, quase retomando a sua antiga maneira de ser. – Vou buscar o meu estojo de primeiros socorros para o limpar. Entretanto, tenho de mudar para qualquer coisa seca. E tirar-lhe esse blusão, está a estragar a minha cadeira.

Fen pensou ter ouvido o, esperemos que não, «assassino do machado» dizer «mandona» quando subiu as escadas e trocou rapidamente de roupa, vestindo umas calças velhas de *chenille* cinza e uma camisola cor de alfazema. Olhou para as suas botas. Camurça castanha por altura do joelho, pontiagudas, novas. E também cobertas de lama. Estragadas. Podia atribuir aquilo

ao desconhecido. Talvez devesse colocá-lo na conta dele, tal como o custo dos cuidados médicos.

Apressou-se a ir buscar compressas de gaze esterilizadas, água oxigenada e pensos rápidos. *Pensos rápidos!* Estaria *louca?* O homem tinha ficado ferido num acidente automóvel e ela ia levar-lhe pensos rápidos! Podia ter um traumatismo craniano, ossos partidos, precisar de um hospital; *um médico...* ou... Oh, meu Deus, um médico. O que teria acontecido a Vivi?

A Dr.^a Vivian Dexter encontrava-se de serviço num dos serviços de urgência mais movimentados do país e não era uma noite calma. O SU do hospital de São Francisco tratava de tudo, desde overdoses a acidentes de viação, desde acidentes de trabalho a ferimentos de crimes. Cuidava de mais de cinquenta mil doentes por ano e, em geral, tinha macas amontoadas nos corredores, à espera. Além disso, o departamento de psiquiatria do serviço de urgência tratava de mais de sete mil doentes por ano. Era sempre ruidoso e a abarrotar de feridos e doentes mentais à espera de serem ajudados.

Vivi tentara telefonar à tia para lhe dizer que não ia arriscar fazer a viagem no meio daquela tempestade, mas sem sorte nenhuma. Agora estava preocupada porque sabia que também Fen estaria preocupada com *ela*. Não apenas isso, teria feito um jantar especial e estaria ansiosa pela sua companhia e também desejava de saber o que precisava Vivi com tanta urgência de lhe contar. Vivi suspirou, cansada; as ligações telefónicas não funcionavam, todos os voos tinham sido cancelados, as estradas estavam uma calamidade e ela sentia-se exausta.

Vestia a mesma roupa de bloco operatório cor de vinho e a bata branca de médico que usara o dia inteiro com uma touca de plástico puxada por cima do comprido cabelo castanho, que

por esta altura precisava mesmo de ser lavado. Os pés doíam nos tamancos brancos confortáveis e sentia-se pegajosa, com frio e a precisar de um duche. Estava de serviço há dez horas. Tinha bebido uma dúzia de chávenas de café aguado e desenhado, devorado duas barras de *Snickers*, apetecia-lhe uma terceira e, no intervalo, petiscara batatas fritas e a salada que alguém trouxera e que sabia a ervas daninhas velhas. Vendo bem as coisas, estava pronta para um martíni e para se deitar um bocado quando os homens da ambulância entraram a correr com uma jovem presa à maca.

Tinham telefonado há quinze minutos e a equipa das urgências estava à espera deles, tal como os polícias que se viam em segundo plano, a conferenciarem com premência e rostos sérios. Não se tratava de uma vítima vulgar de acidente. Era um possível assassinato.

Vivi enfiou um avental de vinil e apressou-se a examiná-la. Uma *provável* tentativa de assassinato, pensou enquanto faziam deslizar a jovem, com a cabeça estabilizada com amortecedores de espuma, de uma maca para a outra. Estivera no bosque durante talvez sete ou oito horas. O rosto apresentava a tonalidade esverdeada da morte. Poderia estar destinada à morgue e não à sala das urgências. Não havia identificação. Era simplesmente uma vítima anónima.

Vivi tomou-lhe o pulso. Palpitava de forma débil sob os seus dedos. Um milagre, visto que era óbvio que o ataque ocorrera há várias horas.

Um ferimento grave no pescoço, diziam os tipos da ambulância, os pulsos cortados também... Os polícias debruçavam-se sobre ela, a atrapalhar a sua equipa. Vivi resmungou para que se afastassem. Olhou melhor e deu um passo atrás, chocada. A garganta da rapariga tinha sido rasgada.

Fez de novo um gesto para que os polícias desaparecessem; este era o seu mundo; uma vida em perigo, uma vida quase a desaparecer, embora ela e a sua equipa trabalhassem para a

salvar: epinefrina para dar uma abanadela ao coração, tubos inseridos para sangue e fármacos. Vivi reparou que a incisão era limpa, obviamente feita com uma faca muito afiada, destinada, sem dúvida, ao efeito, mas, de algum modo, o assassino tinha falhado a artéria carótida. A boca da jovem parecia ter sido fechada com alguma coisa; fita adesiva, calculava, mas a polícia devia ter levado isso. Seriam «provas». A jovem também tinha sido brutalmente violada.

Indignada, Vivi sabia, como todos ali sabiam, que era a quarta jovem a ser atacada daquela forma naquele ano. A diferença era que esta ainda não morrera e não morreria se dependesse dela. Ela e Deus. E os cirurgiões, que, de qualquer modo, pensavam que eram deuses.

Conseguiu apanhar um dos melhores ao telefone, mesmo quando ele se preparava para arrostar com o tempo e terminar a sua noite no hospital. A rapariga na maca foi levada, com todos os tubos e drenos, garrafas e sacos de plástico de sangue e plasma, fármacos e outra parafernália para o elevador, a caminho da cirurgia. Observando as portas a fecharem-se atrás dela, Vivi sabia que seria a última chance da rapariga.

Vivi quisera ser cirurgiã, estudara para isso durante um par de anos, antes de desistir. Na altura, não percebera exatamente porquê, mas agora, olhando para aquela jovem, compreendeu. Não tinha nervos para aquilo. O seu papel era ali, como médica das urgências. Era nisso que era boa.

Tirou o avental ensanguentado. Encostando-se, cansada, contra a parede, os braços cruzados, detetou o seu reflexo no vidro da porta. Trinta anos, um metro e sessenta e um pouco roliça devido a muitas refeições curtas apressadas; pele macilenta de fadiga e demasiadas chávenas de café; desalinhada na sua roupa de hospital agora manchada de sangue. Com o comprido cabelo castanho escondido debaixo da touca de plástico, parecia uma criada de copa do virar do século. E sentia-se como tal. Bem poderia ter andado a esfregar o chão, de gatas, durante o

dia inteiro, exceto que, supunha, reconhecendo-se algum mérito, tinha ajudado algumas pessoas. Clientes. Doentes. Vítimas. Chamasse-lhes o que se quisesse, eram dela por um curto espaço de tempo e entregava-se-lhes por inteiro.

– Desculpe, senhora enfermeira?

Vivi desviou o olhar para ver quem a solicitava. O polícia era alto e de aspeto sólido, com pés grandes em botas grandes e uma expressão séria no rosto. Tinha olhos azuis e estava a precisar muito de fazer a barba.

– Desculpe, senhora enfermeira – disse de novo.

– *Doutora.*

Ele assentiu, ainda sério.

– Claro, queria dizer doutora.

– Claro que sim.

– Não tem mal nenhum ser enfermeira – observou ele.

– Não é preciso dizer-mo. – Estava respingona, sabia disso e não lhe apetecia mesmo nada falar com ele. Sentia-se demasiado cansada.

– Sou o inspetor Bradley Merlin.

Fitou-a na expectativa de uma resposta.

– Esqueça – retorquiu, estafada. – O meu turno terminou há mais de cinco horas. Estou cansada e vou para casa. Porque não fala com um dos outros, se faz favor?

– Porque preciso de falar consigo.

O rosto ainda estava sério, nem a ponta de um sorriso. Profissional. Como ela devia ser também, recordou-se Vivi.

– Duvido que ela consiga escapar – disse. Sentia-o de forma instintiva.

O inspetor Brad Merlin baixou a cabeça. Não era de choque. Conhecia a rotina, já ouvira aquelas palavras antes.

– Eu sei – respondeu. – Fui o primeiro a chegar à cena do crime.

– O homem era um louco – continuou Vivi. – Cortou-lhe os pulsos, violou-a e depois rasgou-lhe a garganta. Felizmente,

não chegou à carótida. Porém, foi um corte limpo – acrescentou – com uma faca bem afiada. É preciso um bisturi para fazer um corte como aquele, de uma só vez, não retalhado, se está a ver o que quero dizer. Não sei como falhou a carótida.

– Estou a perceber.

Avaliando-o, Vivi pensou que talvez entendesse. Ora, ele era apenas um inspetor, afinal de contas estava a tentar fazer o seu trabalho. Tal como ela.

– Fale com o doutor Lobavitch, o cirurgião. Ele diz-lhe tudo o que precisa saber.

– Nem tudo – retorquiu o inspetor Merlin.

Vivi desenredou-se da sua posição inclinada contra a parede. Os joelhos tremiam de fadiga. Tal como as mãos.

– De que mais precisa? – perguntou, impaciente.

– Do seu número de telefone.

Vivi olhou para ele, abismada.

– Caramba, inspetor! – Tirou a touca de plástico e sacudiu o cabelo, libertando-o; estava pegajoso de suor como sabia que estaria. – Porque não vai resolver alguns crimes?!

– Tenho de ir passear o meu cão primeiro – clamou atrás dela quando ela se afastou, oscilando um pouco nos tamancos.

– Podíamos passear os nossos cães juntos. Tomar uma bebida?

– Não tenho cão – respondeu Vivi, empurrando a porta para a abrir. – Tenho uma vida.

– Aposto que sim – replicou Brad Merlin. Acabara de a ver em ação e achava que ela era muito boa na sua vida.

Na casa de Fen, o desconhecido despira o blusão de motociclista e ainda estava sentado à mesa da cozinha, a examinar com atenção os pratos do papagaio, quando ela desceu, outra vez quente e seca com as suas calças de *chenille* cinzentas e a camisola cor de alfazema, trazendo gaze, pensos rápidos e o frasco de água oxigenada.

– Pratos bonitos – comentou o desconhecido, olhando para ela.

Tinha os olhos castanhos. O cabelo estava a secar e, à luz do candeeiro de petróleo e das velas, Fen percebeu que também era castanho-escuro. A parte da frente da *T-shirt* cor-de-rosa estava tão molhada como o casaco.

– Dispa isso – ordenou. – Vou buscar-lhe uma toalha, pode secar-se. Gosto de papagaios – acrescentou, referindo-se aos pratos. – Aves muito tagarelas. Uma parente minha teve um, há muitos anos. Chamava-se *Luchay*. Viveu mais de um século, acho eu.

– Não sabia que viviam assim tanto tempo.

Despiu a *T-shirt* e ficou ali sentado, seminu, parecendo não saber muito bem o que fazer a seguir. Parecia, decidiu Fen, completamente indefeso. Mas também sofrera uma pancada na cabeça no acidente de carro. Pelo menos fora isso que dissera que tinha acontecido. Seria verdade? Ou estaria a ser uma idiota?